

• Meio Ambiente

ainda está conversando

CONVERSÃO DA DÍVIDA
GAZETA MERCANTIL 2 MAI 1990

Estudo do BIRD mostra que US\$ 79 milhões foram aplicados em preservação

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O anúncio do secretário de Meio Ambiente do governo Collor, José Lutzenberger, de que o Brasil está disposto a fazer conversões de dívida por proteção ao meio ambiente pode dar um novo impulso a esse programa. Até agora, segundo um estudo do Banco Mundial (BIRD), foram convertidos apenas US\$ 79 milhões (em valor de face — valor original do título) para esse fim.

Dos quatro países que fizeram programas no setor, a Costa Rica é de longe a mais ativa, sendo responsável por US\$ 68 milhões do total. E a Costa Rica também foi a primeira nação a incluir países credores nesses acordos, a Suécia e a Holanda. Mas nem a Suécia nem a Holanda usaram seus próprios créditos costarriquenhos; ambos adquiriram títulos de terceiros no mercado secundário e doaram os recursos ao país.

Ao converter os títulos em sua própria moeda, o governo da Costa Rica reduziu o desconto de 70 para 30%. Em seus acordos do gênero, o Equador redimiu os títulos da dívida pelo valor de face, mas compensou isso por usar uma taxa de câmbio menor que a de mercado e pelo lançamento de "bônus ambientais" com juros menores que a inflação.

A despeito de uma recente mudança contábil nos Estados Unidos, que autoriza os bancos a descontarem dos impostos o valor nominal de suas doações para conversão de dívida por natureza, em vez do habitual valor de mercado, eles pouco se movimentaram.

Apenas o Fleet National Bank de Rhode Island doou US\$ 250 mil na primeira conversão da Costa Rica. O banco descartou esse montante de seu portfólio. Fora isso, segundo um levantamento de Michael Occhiolini para o BIRD, os bancos comerciais só contribuíram com a redução de suas comissões em algumas dessas operações.

A primeira das oito operações de dívida por natureza ocorreu em julho de 1987, quando a Conservation International, usando um subsídio de US\$ 100 mil da Fundação Frank Wee-

den, comprou US\$ 650 mil em títulos da dívida da Bolívia a cerca de 15 centavos por dólar, um desconto de 85%.

Em troca do cancelamento dos títulos, a Bolívia concordou em "pôr de lado" uma área de 3,7 milhões de acres em torno da biosfera Beni, na bacia Amazônica. Além disso, o governo boliviano concordou em contribuir com 100 mil pesos (US\$ 32,3 mil) para um fundo de 250 mil pesos (US\$ 80,8 mil) criado para administrar a biosfera Beni — os 150 mil pesos (US\$ 48,5 mil) restantes foram completados pela Agência para o Desenvolvimento Internacional dos EUA.

A Costa Rica converteu até aqui US\$ 75 milhões em valor de face de sua dívida pelo equivalente a US\$ 36 milhões em bônus na moeda local, com um desconto de cerca de 48%. Já está incluída uma conversão de US\$ 10 milhões que beneficiou uma indústria de portas costarriquenha e que geralmente se contabiliza como operação privada.

O Equador já realizou dois acordos do gênero. Em dezembro de 1987, a World Wildlife Foundation, usando US\$ 354 mil em fundos doados, adquiriu títulos equatorianos no valor nominal de US\$ 1 milhão ao preço de 35 centavos por dólar.

O governo do Equador converteu a dívida pelo valor nominal, mas com a taxa de câmbio oficial, e lançou um bônus com maturação de nove anos a juros de mercado. Os recursos foram aplicados na preservação dos parques nacionais do país. Em abril de 1989, um grupo de entidades ambientalistas usou US\$ 1,098 milhão em fundos doados para comprar US\$ 9 milhões de dívida equatoriana, ao preço de 12 centavos por dólar. O dinheiro está sendo usado na conservação da Amazônia.

A World Wildlife Foundation estava envolvida também na operação das Filipinas em junho de 1988, quando foram adquiridos US\$ 390 mil em títulos da dívida do país a 55 centavos por dólar, usando fundos doados de US\$ 200 mil. Os recursos estão sendo usados na proteção de dois parques na ilha Palawan pela Fundação Haribon.